



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES

ANA MÁRCIA SALES RIBEIRO

**AS INTERAÇÕES DE LADY MACBETH COMO POTENCIAL INFLUENCIADOR
SOBRE SEU MARIDO NA PEÇA MACBETH DE WILLIAM SHAKESPEARE**

FORTALEZA

2022

ANA MÁRCIA SALES RIBEIRO

AS INTERAÇÕES DE LADY MACBETH COMO POTENCIAL INFLUENCIADOR
SOBRE SEU MARIDO NA PEÇA MACBETH DE WILLIAM SHAKESPEARE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução da Universidade Federal do Ceará, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Letras – Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nogueira de Andrade

FORTALEZA - CE

JUNHO DE 2022

AGRADECIMENTOS

A **Allah**, que iluminou meu caminho nesta longa jornada; o que seria de mim sem a confiança e a fé que tenho n'Ele?

À **Universidade Federal do Ceará** por possibilitar os meus estudos.

Aos meus filhos, **Glauber e Glaucia**, por serem minha motivação.

Ao professor e orientador deste, **Paulo Andrade**, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho: obrigada por se tornar tão especial em tão pouco tempo.

Agradeço, também, a todos os professores do curso, especialmente **Diana Fortier, Fábio Nunes, Dolores Aronovich, Atilio Bergamini, Michel François e Diego Napoleão** que foram tão importantes na minha vida acadêmica, que passaram por mim e com certeza deixaram muito.

Obrigada.

SUMÁRIO

1 – Introdução.....	8
2 – A personagem Lady Macbeth.....	10
3 – Fundamentação Teórica.....	11
4 – Metodologia.....	13
5 – Análise das interações de Lady Macbeth.....	14
6 – Considerações finais.....	20
7 – Referências bibliográficas.....	21

RESUMO

Lady Macbeth, esposa de Macbeth, considerada uma personagem secundária e necessária durante o início da obra de Shakespeare por Heliodora (2015), e convencida de sua influência, acredita que por possuir essa característica marcante, exerce um papel significativo no desenrolar da trama. O objetivo desse estudo é identificar as interações entre Lady Macbeth e Macbeth, categorizá-las a partir de seus diálogos e solilóquios, analisar e discutir o quanto essas interações proporcionam potencial influência de Lady Macbeth sobre Macbeth no processo decisório de assassinar o rei. São levantadas algumas hipóteses como Lady Macbeth conseguiu convencer seu marido a assassinar o rei Duncan mesmo quando ele estava tomado por dúvidas? A ambição de Macbeth de se tornar rei foi despertada e aumentou na medida em que foi instigado por ela? Para Bradley (2009), Lady Macbeth é um “demônio inabalável” e para Barbara Heliodora, “ela é um complemento de Macbeth, a parte negativa da sua ambivalência” (2004), o que a autora chamou de “consciência do mal”. Lady Macbeth é a personagem da peça que pensa e induz a ação, utilizando sua influência e seu conhecimento sobre seu marido para guiá-lo a fazer acontecer o plano que já estava na mente dele. Esse artigo discute todas essas possibilidades.

Palavras-chaves: Lady Macbeth; interações; influência.

ABSTRACT

Lady Macbeth, wife of Macbeth, considered a secondary and necessary character during the beginning of Shakespeare's work by Heliodora (2015), and convinced of her influence, believes that because she has this remarkable characteristic, she plays a significant role in the development of the story. The objective of this study is to identify the interactions between Lady Macbeth and Macbeth, categorize them from their dialogues and soliloquies, analyze and discuss how these interactions provide a potential influence of Lady Macbeth on Macbeth in the decision-making process to assassinate the king. Are there any hypotheses as to how Lady Macbeth managed to convince her husband to assassinate King Duncan even when he was riddled with doubts? Was Macbeth's ambition to become king aroused and increased as he was instigated by her? For Bradley (2000), Lady Macbeth is an "unshakable demon" and for Barbara Heliodora, "she is a complement to Macbeth, the negative part of his ambivalence" (2004), what the author called "evil conscience". Lady Macbeth is the character in the play who thinks and drives action, using her influence and her knowledge of her husband to guide him to bring about the plan that was already in his mind. This article discusses all these possibilities.

Keywords: Lady Macbeth; interactions; influence.

1 INTRODUÇÃO

William Shakespeare é o maior poeta e dramaturgo da Inglaterra e um dos maiores de todos os tempos. Nasceu em 23 abril de 1564, em Stratford-upon-Avon na Inglaterra. Suas obras, que permaneceram ao longo dos tempos, consistem em 38 peças, 154 sonetos, dois poemas de narrativa longa, e várias outras poesias. Suas obras são as mais atualizadas do que as de qualquer outro dramaturgo, conforme os sites de educação e de biografia do autor.

As peças teatrais de Shakespeare foram escritas no contexto do renascimento, período histórico marcado pelo antropocentrismo, ou seja, o homem era o centro do universo, ideia que se opunha à religião. Ele foi o principal autor do teatro elisabetano, caracterizado por nascer e se estruturar durante o reinado da rainha Elizabeth I (1533-1603). Nesse período, a Inglaterra ainda mantinha certo vínculo com os valores medievais, o que fazia do teatro uma manifestação capaz de expressar a cultura religiosa e popular.

Durante o período do teatro elisabetano, as peças deixaram de ser encenadas em igrejas e praças públicas para ganharem o espaço do teatro, o que as tornava mais profissionais e, portanto, rentáveis. Além desse caráter intertextual e nacionalista, o teatro shakespeariano tem um certo lirismo filosófico. Autor de poemas narrativos, sonetos, tragicomédias, comédias e tragédias, entre elas “Macbeth”, obra que será discutida neste trabalho.

Assim, suas obras podem ser inseridas em quatro fases distintas, de forma que:

- a primeira fase possui caráter humanista e textos pertencentes ao gênero épico e lírico;
- a segunda é composta por peças históricas e comédias leves;
- a terceira apresenta as famosas tragédias do autor;
- a quarta, e última, é composta por tragicomédias.

A obra dramática de Shakespeare se divide em três grandes gêneros: tragédias, comédias e peças históricas, que possuem características próprias, enquanto:

[...] nas comédias, são examinadas as relações interpessoais, expressadas principalmente por intermédio do amor; nas peças históricas são examinadas

as relações do indivíduo com sua sociedade, seu Estado, expressadas principalmente por intermédio das lutas pelo poder; e, finalmente, nas tragédias, são examinadas as relações do homem com o universo, por intermédio de situações externas, nas quais valores últimos devem ser avaliados e postos à prova. Poderíamos, talvez, dizer que a separação dos grupos é válida porque a comédia trata de conflitos conciliáveis, as peças históricas, de conflitos arbitrados pela confrontação da força, e as tragédias, de conflitos irreconciliáveis (HELIODORA, 2004, p. 67).

Desse modo, o escritor, que faleceu em 23 de abril de 1616, em Stratford, deixou grandes obras teatrais, como Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, Rei Lear e Otelo. Nosso objeto de estudo é a peça Macbeth escrita em 1606/1607.

Segundo Camati (2008), o dramaturgo inglês deu voz às personagens femininas e muitos críticos contemporâneos o consideram feminista. Ela afirma que ele evidenciava a capacidade da mulher de transcender os limites de sua condição dentro do sistema patriarcal. Guardadas as devidas proporções, é possível realizar leituras contemporâneas das personagens femininas, visto que Shakespeare deu voz e voz às mulheres, afirma. Ela explica também que apesar de haver certa mobilidade social naquela época, a sociedade tinha uma estrutura patriarcal estratificada. A mulher era submissa e sua identidade era restrita ao sexo.

Para a época, as mulheres quando se casavam deveriam ser obedientes ao marido e não tinham o direito de se expressar sem o consentimento do mesmo, como afirma “a mulher casada torna-se uma incapaz e todos os atos que ela fizer sem estar autorizada pelo marido ou pela justiça serão radicalmente nulos” (MICHEL, 1982, p. 35).

Apesar de os protagonistas das tragédias serem predominantemente masculinos, Camati (2008) cita que, em Romeu e Julieta e Antônio e Cleópatra, as heroínas compartilham o destino trágico dos heróis. Muitas personagens femininas das tragédias, tais como Julieta, Cleópatra, e Lady Macbeth, são personagens marcantes e fortes. Ele sugere que a restrição do papel social da mulher é mera criação cultural e, como tal, comportamento aprendido através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprir funções específicas e diversas, como se fossem partes de sua própria natureza. Essa naturalização que inferioriza o sexo feminino, segundo Camati (2008), é constantemente criticada, ridicularizada, desacreditada e subvertida nas obras de Shakespeare. Suas heroínas são fortes, inteligentes e decididas. Possuem agudeza de espírito, perspicácia, determinação, audácia, independência, versatilidade e claro, fluência verbal.

Este trabalho visa contribuir por meio da análise o quanto Lady Macbeth pode ser um agente influenciador no processo de decisão de Macbeth no intuito de concretizar as profecias.

As soluções adotadas serão as interações que conotam influência, identificadas na própria obra Macbeth, de Shakespeare. Faremos uma análise das estratégias adotadas por Lady Macbeth, considerando os diferentes momentos de tempo e lugar entre os atos I e II.

Dentre os objetivos específicos do trabalho estão: a) identificar as interações entre Lady Macbeth e Macbeth; b) categorizá-las a partir de: diálogos e solilóquios e c) analisar o quanto essas interações proporcionaram potencial influência de Lady Macbeth sobre Macbeth no processo decisório de assassinar o rei.

Este trabalho pode vir a atrair o interesse dos estudantes e profissionais da área de letras, sobretudo daqueles dedicados aos estudos da literatura inglesa, particularmente da obra shakespeariana Macbeth e de suas inúmeras interpretações sobre a personagem identificada e analisada.

2 A PERSONAGEM LADY MACBETH

Há inúmeros artigos publicados sobre personagens femininas de Shakespeare e, em especial, sobre Lady Macbeth da obra Macbeth. As descrições sobre Lady Macbeth são bem controversas como fria e calculista (SILVA; MATOS, 2019), é considerada como pérfida e ambiciosa. Alguns autores a afirmam (SILVA; ALVES, 2012), outros estudos a afirmam um protótipo de mulher forte e resoluta, mostrando-se determinada a alcançar a coroa não importando os meios e, para isso, nutre e direciona a ambição de seu marido (RAFFAELLI; SCHMIDT, 2008), é destemida (JESUS; SOUZA, 2016) e é vista como um mal ou uma figura popular de bruxa ao mito da mulher como símbolo da ameaça da ordem política pela perturbação da consciência moral de uma época (MURACA, 2014).

Lady Macbeth é esposa e cúmplice de Macbeth, de suma importância para o desenvolvimento da ação dramática. É uma das mais perfeitas vilãs da literatura. Ela demonstra enorme amor e fidelidade ao seu marido.

Lady Macbeth não é a protagonista do drama, mas é a segunda em número de falas e permanece pouco tempo em cena, porém a personagem é a incentivadora da trama da ação trágica do protagonista. Harold Bloom destaca estes aspectos na relação do casal:

A sublimidade de Macbeth e de Lady Macbeth é irresistível, - trata-se de personalidades convincentes e valorosas, além de profundamente apaixonadas. Aliás, com incomparável ironia, Shakespeare apresenta-os como o casal mais feliz de toda a sua obra dramática. (BLOOM, 1998, p. 633)

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Meurer & Dellagnelo (2008), o discurso é uma prática social que cria, reforça ou desafia conhecimentos/crenças, identidades e formas de relacionamento. Tem função social e só pode existir através da linguagem. Foucault, em suas formulações sobre o discurso, sempre o manteve associado às relações de poder e aos efeitos que ele pode provocar, como por exemplo, o discurso dominante de uma classe social ou de um partido político que pode determinar o que é aceitável ou não na sociedade.

[...] Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo" (FOUCAULT, 1977, p. 95-6).

No entanto, existem vários tipos de discursos e o que será tratado nesse estudo é o solilóquio. O sentido mais comum diz que solilóquio é o hábito de "falar sozinho", num "diálogo consigo mesmo" e não se resumiria a pensamentos próprios, no plano da própria consciência, como ocorre no monólogo interior, mas se dirige, embora virtualmente, a um objeto externo. O conceito pode se superpor ao monólogo interior, aos monólogos usados no teatro, às conversações que as crianças costumam manter com um amigo imaginário, ao hábito de "falar consigo mesmo", entre outros. No entanto, nem sempre o solilóquio é uma conversa solitária, porque pode haver um suposto interlocutor externo, determinado ou não, suposto ou alucinado. No solilóquio propriamente dito, embora as falas sejam enunciadas em voz alta, o indivíduo ignora a presença de outra pessoa. Nesse sentido, no solilóquio a pessoa fala para si mesma.

Apesar das suas características, o solilóquio pode encobrir um diálogo que a pessoa mantém consigo mesma, com um objeto ou com um ser incapaz de falar (e.g., uma planta ou um animal). Este recurso permite que o sujeito exteriorize os seus sentimentos mesmo que esteja sozinho. Segundo Williams (2008), o solilóquio pode ser definido:

Inicialmente [...] como alguém falando em voz alta consigo mesmo. [...] Trata-se de um elemento de composição intencional do drama: uma modalidade de fala dramática. (WILLIAMS, 2008, p. 139)

Nos séculos XVI e XVII foi usado um dos solilóquios mais famosos da história de William Shakespeare em sua obra Hamlet, onde a personagem principal pega numa caveira e exclama: “To be or not to be”.

O solilóquio, por conseguinte, é um discurso muito útil para as representações teatrais. É esse tipo de discurso que é realizado pela personagem Lady Macbeth na obra dramática Macbeth.

A linguagem é, antes de tudo, social e sua função inicial é a comunicação, expressão e compreensão. Quando um parceiro se dirige a outro, a sua intenção é de estabelecer uma interação, que segundo Bakhtin:

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (BAKHTIN, 1986, p. 123)

Portanto, é pela interação que os parceiros exercem uma influência recíproca nas suas ações estabelecidas, sejam orais constituindo uma modalidade que é a conversação ou seja por escrito. Na Sociologia, a interação social é um conceito que determina as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos sociais. Trata-se de uma condição indispensável para o desenvolvimento e constituição das sociedades. Por meio dos processos interativos, o ser humano se transforma num sujeito social. É a partir dela que os seres humanos desenvolvem a comunicação, estabelecendo o contato social e criando redes de relações, as quais resultam em determinados comportamentos sociais.

De acordo com o tipo de relação estabelecida, a interação pode ser recíproca ou não, como por exemplo: quando há interação entre as partes, ambos se influenciam e determinam seus comportamentos sociais, tal qual numa conversa entre amigos ou entre um casal, como o casal Macbeth.

Sendo assim, passaremos em breve para a análise e discussão da personagem Lady Macbeth nos atos I e II, a fim de delinear para conhecimento mais preciso de sua influência.

4 METODOLOGIA

Analisamos, a partir das interações entre Lady Macbeth e Macbeth, as razões que levaram a essas intervenções no sentido da execução do plano de assassinar o rei Duncan. A análise foi conduzida com base nos solilóquios de Lady Macbeth e suas interações com Macbeth. Escolhemos os atos I e II para esta análise, de forma a observar como a personagem Lady Macbeth se posiciona no discurso no início da obra e até o momento do assassinato.

Essa pesquisa é qualitativa e bibliográfica. Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, isto é, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Por meio da pesquisa qualitativa, busca-se compreender a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos.

Lakatos e Marconi (2003, p. 183) em seus estudos, esclarecem que a pesquisa bibliográfica tem como finalidade "[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas". Gil (2002, p. 44) afirma que "[...] embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas".

Este trabalho foi realizado com base nas teorias do discurso, da linguagem e da interação tendo como referenciais teóricos Foucault (1994), Williams (2008) e Bakhtin (1986).

5 ANÁLISE DAS INTERAÇÕES DE LADY MACBETH

Na peça, Lady Macbeth aparece no Ato I em solilóquio – cena V, quando entra sozinha com uma carta de seu marido, o general Macbeth, relatando a aparição das três bruxas profetizando que ele seria rei e que Banquo seria pai de uma linhagem de reis. Quando é informada sobre o acontecimento, sabe muito bem que a única maneira de fazer isso acontecer mais rápido é assassinando o rei, porém ela conhece muito bem o esposo que tem, pois este tem receio de cometer um ato desleal:

Encontrei-as no dia da vitória e compreendi, pela perfeição do relato, que possuíam mais do que o mortal conhecimento humano. Ardia em desejo por questioná-las mais, mas elas se fizeram ar [...] Guarda isso em teu coração e adeus. Glamis tu és, e Cawdor, e serás ainda Aquilo que te foi prometido; mas temo tua natureza, Que é tão cheia do leite da bondade humana Para perceber o caminho mais curto. Serás grande, Ambição não te falta, mas não possuis A maldade que a deveria auxiliar. A grandeza que aspiras Gostarias de obtê-la com lisura; não trapacearias, Mas aceitarias vencer um jogo sujo. Precisas, grande Glamis, Que te grite, 'É assim que se faz!', caso queiras tê-lo; E o que mais temes fazer, Temerás mais por não tê-lo feito. Apressa-te Para que possa instilar coragem em teu ouvido Fustigando com minha língua valorosa Tudo o que te impede de aceder ao círculo dourado, Que o destino e a ajuda sobrenatural parecem Já ter-te coroado. (SHAKESPEARE, 2016, p. 45 e 47, Ato I – Cena V).

No mesmo instante ela se demonstra pronta no plano de antecipar a realização da profecia das bruxas e pede que o marido apresse sua vinda para o castelo. Aqui é uma das cenas que mostra o quanto Lady Macbeth é influenciadora. Na cena seguinte, entra a serviçal para avisar a Lady Macbeth que o rei virá naquela noite visitá-los, então ela, para realizar esse plano, recorre aos espíritos malignos, pedindo que a dessexualize em um outro solilóquio:

O próprio corvo está rouco
De tanto crocitar à espera que Duncan chegue
Aos meus domínios.
Venham espíritos
Que instilam as ideias mortais, dessexuai-me
, cumulem-me da cabeça aos pés
Com a mais horrível crueldade! Espessem meu sangue,
Impeçam o acesso e a passagem à compaixão,
De tal modo que nenhum remorso natural
Remova meu propósito de não pactuar
Com suas consequências. Possuam os meus seios
E façam amargo o meu leite, serviçais da morte,
Onde quer que suas substâncias intangíveis

Aguardem os transe da natureza. Venha, noite densa,
Revestida da mais sombria fumaça do inferno,
Para que meu punhal não veja o ferimento que causa,
Nem os céus observem através do manto da escuridão,
A exclamar, 'Espera, espera. (SHAKESPEARE, 2016, p. 49, Ato I – Cena V)

Quando Macbeth entra, logo é saudado por Lady Macbeth, assim podemos observar os diálogos da segunda categoria de instância: suas interações com Macbeth.

Grande Glamis, digno Cawdor,
Que ainda maior saudação receberá!
Tua carta transportou-me para além
Da ignorância do presente e sinto agora
O futuro neste instante. (SHAKESPEARE, 2016, p. 49, Ato I – Cena V)

Macbeth avisa à sua esposa que o rei virá naquela noite dizendo: Meu querido amor, Duncan vem aqui hoje à noite. (SHAKESPEARE, 2016, p. 49, Ato I, Cena V)

No mesmo instante, ela pergunta quando o rei partirá e diante da resposta de Macbeth o aconselha com sua delicadeza de esposa e companheira, convencendo-o a ser fingido:

1 - E quando parte?
2 - Amanhã, como pretende.
3 - Oh, nunca
Verá o sol amanhã!
Seu rosto, meu Senhor, é um livro onde os homens
Podem ler propósitos sinistros. Para enganá-los
Pareça-se com eles: seja afável no olhar,
Com as mãos, na fala. Assemelhe-se à flor inocente,
Sob a qual se oculta a serpente. Ele está vindo,
Devemos nos preparar para a sua chegada,
Deixe a meu encargo a grande empresa desta noite,
Aquele que, para os dias e noites vindouros,
Proverá domínio imperial e poder soberano.
(SHAKESPEARE, 2016, p. 51, Ato I – Cena V)

Macbeth confia em sua esposa e a tem como conselheira, mas pede para que a conversa fique para depois, porém ela continua aconselhando-o:

Encare com serenidade:
Não demonstre iniquidade. Deixe o resto comigo. (SHAKESPEARE, 2016, p.51, Ato I – Cena V)

Durante o ato I na cena VII, entra Macbeth com suas dúvidas e razões para não cometer o assassinato do rei que está hospedado em sua casa, e fala em solilóquio:

Com sobriedade, de tal modo que suas virtudes
Argirão como anjos, trombetas troando contra
O desmedido pecado de seu assassinato.
E a compaixão, como um nenê nu e recém-nascido
A saltitar na ventania ou o querubim celeste montado
Sobre os invisíveis mensageiros do ar,
Poderá soprar o hórrido ato em cada olho
E as lágrimas afundarão no vento. Não tenho espora
Para aferroar os flancos de meu intento, mas só
Esta confiante ambição que ao superar-se
Cai no outro. (SHAKESPEARE, 2016, p.57, Ato I – Cena VII)

Imediatamente entra sua esposa e Macbeth diz que não pode levar o plano adiante pois o rei acabara de enchê-lo de honras, porém Lady Macbeth chantageia emocionalmente utilizando o sentimento de seu amor:

Estava bêbada a esperança
Que antes te revestia? Ela adormeceu?
E ao acordar agora já te parece tão verde e pálido
O que antes fazias tão livremente? Ora em diante,
É assim que considero o teu amor. Temes
Ser o mesmo em teus atos e coragem,
Como eras em desejos? Queres ter
Aquilo que estimas como o ornamento da vida
Ou viver como um covarde na tua própria estima,
Deixando o não devo sobrepujar-se ao deveria,
Como o pobre gato do adágio?
(SHAKESPEARE, 2016, p. 57, Ato I -Cena VII)

Em outra interação com ele, convence-o com sua retórica, e o faz pensar que é ele quem está no comando, questionando sua masculinidade para reforçar a ideia de convencê-lo a cometer o assassinato.

Que besta foi então
Que fez com que me sugerisse tal empresa?
Quando ousava, então era um homem.
E para ser mais que aquilo que era, deveria
Ser homem muito mais. Nem tempo, nem lugar
O propiciavam, mas você os criou do nada.
Eles se zeram a si próprios, mas agora duvido
De sua justeza. Já amamenteei e sei
Quão suave é amar o nenê que me suga:
Mesmo estando a sorrir para mim,
Arrebataria o seio de suas gengivas desdentadas
E saltar-lhe-ia os miolos, se assim o tivesse jurado,
Como você fez em relação a isso. (SHAKESPEARE, 2016, p. 59, Ato I –
Cena VII)

Macbeth, mesmo convencido, teme pelo que poderia acontecer depois, questionando-a na mesma cena se eles fracassarem: E se falharmos?
(SHAKESPEARE, 2016, p. 59, Ato I – Cena VII)

Lady Macbeth não teme as consequências do crime e tem a certeza de que nada sairá errado. Ela tem a ideia de encher os guardas de vinho e assim deixar o caminho livre para Macbeth cometer o assassinato, dessa forma consegue fazer com que os guardas sejam incriminados pelo assassinato do rei, sabendo muito bem que eles seriam executados por traição. Ela é bastante firme e perseverante em seu discurso afirmando:

Nós, falharmos?
Ponha sua coragem no limite
E não falharemos. Quando Duncan dormir,
Tão logo o cansaço da dura jornada
O deixe prostrado, seus dois camareiros
Com vinho e licores convencerei
Que a memória, guardiã do cérebro,
É qual um vapor e o receptáculo da razão,
Um mero alambique. Quando no sono porcino
Mergulharemos como na morte,
O que não poderemos, você e eu, perpetrar contra
O indefeso Duncan? Por que não creditar
O débito às esponjas, que assim serão inculcados
De nosso crime? (SHAKESPEARE, 2016, p. 59, Ato I – Cena VII)

Quem ousará pensar o contrário,
Se expressarmos pesar e lastimarmos alto
Pela sua morte? (SHAKESPEARE, 2016, p. 61, Ato I – Cena VII)

Macbeth convencido por sua esposa Lady Macbeth, afirma:

Estou firme e preparado
Em cada fibra do corpo para esse terrível feito.
Vamos, com gentileza dissimulemos a ameaça,
A face falsa oculta o que no coração se passa.
(SHAKESPEARE, 2016, p. 61, Ato I – Cena VII)

No ato 2, cena 2, Lady Macbeth sente-se confiante na ação de seu esposo e de ter embriagado os guardas e diz em solilóquio:

Aquilo que os fez bêbados, fez-me audaz,
Aquilo que os extinguiu, incendiou-me.
(SHAKESPEARE, 2016, p. 69, Ato II – Cena II).

E quando uma coruja pia:

Silêncio, escuta!
Foi a coruja que piou, a mensageira fatal,
Que dá o último boa-noite. Ele está quase lá.
As portas estão abertas e os Criados embriagados
Troçam de seus deveres roncando. Droguei suas bebidas,
E a morte e a natureza neles se confrontam,
Sem que se saiba se estão vivos ou mortos.
(SHAKESPEARE, 2016, p.69, Ato II – Cena II).

Macbeth retorna com duas adagas ensanguentadas e pensando, com medo, no que fez, logo ela interage com ele:

Ai! Temo que tenham despertado
E nada tenha sido feito; o atentado e não o crime,
Pode perder-nos. Escuta! Deixei prontas as adagas,
Ele não deixará de vê-las. Se, no seu sono, não se parecesse
Tanto com meu pai, eu mesmo o teria feito. Meu marido? (SHAKESPEARE,
2016, p.69, Ato 2, Cena 2)

Ele responde que cometeu o assassinato: Está feito. Não ouviste um ruído? (SHAKESPEARE, 2016, p. 69, Ato 2, Cena 2)

As adagas deveriam ter ficado no local do crime e como isso não aconteceu, pois Macbeth afirma em não querer retornar mais ao local, Lady Macbeth age:

Que fraca determinação!
Dê-me as adagas. O que dorme e o morto
Não são mais que imagens; é o olho infantil
Que teme o diabo pintado. Se ainda corre o sangue,
Dourarei com ele as faces dos criados,
Para que a culpa deles seja visível. (SHAKESPEARE, 2016, p. 75, Ato 2,
Cena 2)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou identificar as interações de Lady Macbeth e Macbeth na obra shakespeareana, categorizá-las a partir de seus diálogos e solilóquios, analisar e discutir o quanto essas interações proporcionaram potencial influência de Lady Macbeth sobre Macbeth no processo decisório de assassinar o rei.

A personagem Lady Macbeth consegue inicialmente convencer seu marido até o momento em que Macbeth decide cometer o assassinato do rei, tomando assim as decisões que julgam importantes para suas vidas. Inicialmente seu marido estava tomado por dúvidas pelo fato de o rei ser seu parente e ser seu soberano e depois porque, como um bom anfitrião, deveria protegê-lo e não o assassinar. Ele chega a fraquejar e querer desistir do plano, mas sua ambição de se tornar rei foi despertada e instigada por ela mesmo que o plano já estivesse arquitetado em sua mente, embora não tivesse coragem para fazê-lo. Macbeth, de qualquer forma, não está sozinho durante todo esse processo. Lady Macbeth é parte fundamental da construção das ações e da narrativa dramática da peça, e este trabalho evidencia que ela teve influência no processo decisório.

Shakespeare criou uma personagem que consegue fortemente influenciar seu marido atuando de forma significativa, e com representatividade em um lugar certo para se pensar num sentido histórico como está inserida na obra Macbeth.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BLOOM, H. **Shakespeare a invenção do humano**. Trad. J. R. O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BRADLEY, Andrew Cecil. **A Tragédia Shakespeariana**. São Paulo: Martins Fontes. 2009.

CAMATI, A. S. O lugar da mulher na sociedade elisabetana – jaimesca e na criação poética de Shakespeare. In: LEÃO, Liana de Camargo; SANTOS, Marlene Soares dos (Org.). **Shakespeare, sua época e sua obra**. Curitiba: Editora Beatrice, 2008.

FOUCAUL, M. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

HELIODORA, Barbara. **Reflexões shakespearianas**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

HELIODORA, Barbara. **Introdução**. In **SHAKESPEARE**, William. Macbeth. Trad. Bárbara Heliodora, 4ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 5 a 13.

JESUS, A. G. de, & SOUZA, K. C. de O. (2016). **A representação do feminino em Lady Macbeth**: deslocamento e tragicidade. Revista Fronteira Digital, (5).

Recuperado de

<https://periodicos2.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/view/1543>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

MEURER, J. L.; DELLAGNELLO, Adriana Kuerten. **Análise do discurso**. 2008. Florianópolis. Disponível em:

https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/analiseDoDiscurso/assets/495/Texto_base_AnalisedoDiscurso.pdf

MICHEL, Andrée. **O feminismo**. Uma abordagem histórica. Tradução de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MURACA, M. H. **Medeia, Lady Macbeth, Delia e Tramell**: aproximações interartes sob a figura da bruxa. ouvirOUver, [S. l.], v. 8, n. 1-2, p. p. 70–78, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/11675>.

RAFFAELLI, Rafael. **A tragédia de Macbeth**. Edição bilingue inglês português. ISBN: 9788532807847 – 1ª edição – 2016

RAFFAELLI, Rafael; SCHMIDT, Beatriz. **Freud e Lady Macbeth**. Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. v. 9 n. 93 (2008). Publicado: 2008-07-22. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/issue/view/964>

SILVA, Leide Rozane Alves da; MATOS, Thayza Alves. **Macbeth e o trono manchado de sangue**: Traição, ambição e culpa. REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade. ISSN 1984-6576. E-201916. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/8858>

SILVA, Paula Francineth Passos da; ALVES, Elis Regina Fernandes. **O perfil feminino shakespeariano em Macbeth e Rei Lear**. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/faf9b629-8180-4ead-951c-270df58cfbbf/TCC-Letras-2012-Arquivo.016.pdf>

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

SITES CONSULTADOS:

https://www.ebiografia.com/william_shakespeare/

<https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/william-shakespeare.htm>

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/william-shakespeare.htm>